

Cavilação

Após a decisão da 1ª Câmara, que mandou a julgamento os acusados como autores da morte de Aída Cúri, o Juiz Joaquim de Souza Netto, presidente do 1º Tribunal do Júri, autor da sentença reformada, convocou os jornalistas credenciados no Fôro e lhes entregou a seguinte nota, vazada em termos irônicos, nebulosos e ofensivos aos desembargadores que tiveram a audácia de discordar de sua augusta opinião impronunciadora, tal qual se tratasse de um proprietário de cavalos de corridas que fôsse atrevidamente reclamar aos membros da Comissão de Corridas:

“Quando Jesus foi crucificado, não se crucificou a Religião. A Primeira Câmara julgou com acêrto? O futuro dirá. Agora há muita confusão. Uma câmara pode ser douda e poderosa, ou simplesmente poderosa. Em geral, decide-se com o saber e o poder, que em justas proporções sempre se juntam no julgador. Às vêzes, entretanto, o saber é mais que o poder e, excepcionalmente, o saber está aquém

do poder. Na magistratura militante, estranha-se que o poder sufoque o saber por imposição do querer que é a cizânia da justiça. Não se deve confundir justo com justiceiro. Justo é o que harmoniza a sabedoria com a autoridade. Justiceiro é o que só faz caso da autoridade. É preciso que se diga e se entenda com dignidade que o defensor dos inocentes é o juiz, em nome do Estado e da razão”.

N.R. — Quanta cavilação. Quanta bobagem.